

O êxtase do caos

Prefácio para *Triptico*, de Eduardo Mondolfo

Não é de hoje que a poesia vem perdendo terreno; tanto em público quanto em suas formas de expressão e temas. A arte que mais profundamente expressava a alma e as inquietações dos povos – numa tradição inaugurada por Homero, recuperada por Virgílio e disseminada na Europa medieval por poetas tão diversos quanto Dante, Ariosto, Tasso e Camões – perdeu sua vertente de epopéia (e muito de seu volume) com a gradual ascensão da burguesia e o advento do romance moderno, cuja primeira obra-prima talvez tenha sido o *Don Quijote*, de Cervantes. Amputada de seu braço épico, a poesia refugiou-se no lirismo e na exaltação do indivíduo livre – e torturado talvez por sua própria liberdade –, que caracterizou o Romantismo, num prenúncio da revolução industrial e da multiplicação dos bens de consumo. No entanto, o cinema provou-se uma mídia mais adequada para as emoções do indivíduo comum, e a melhor poesia adentrou o século XX mancando da perna do lirismo cotidiano. Sobrava-lhe ainda o pensamento; a metafísica, a *idéia poética*, ou mesmo política, *grosso modo* foram o estofó dos maiores poetas do século. No Brasil, já no começo do século XXI, o *mainstream* da poesia contemporânea banuiu qualquer pensamento profundo para as artes visuais – a arte conceitual, as instalações e performances, a vídeo-arte – e tomou para si apenas o estilhaço dos tempos, o fragmento. O poema de hoje – no meio do turbilhão de tecnologias de informação, cultura de massa e indústria cultural – é curto: pura vertigem, atrito de linguagem, fotografia do eu desconexo.

Eduardo Mondolfo, um poeta que não tem televisão em casa (e não por falta de recursos, pois trata-se de um aristocrata, no sentido mais nobre do termo) navega contra esse mainstream. Para ele, o fragmento é desprezível, o poeta dever ser um guardião “do eterno relicário que justifica o destino trágico de morrermos”, e sua obra deve almejar o monumental. Que ninguém lhe negue a contemporaneidade – “como se ser contemporâneo não fosse uma premissa básica”, ele diz – mesmo por que, com ou sem mainstream, a arte contemporânea caracteriza-se justamente pelo fim das vanguardas e pela pluralidade de formas e vozes. *Tríptico* é formado por três poemas longos, com versos livres embalados por uma vigorosa musicalidade e temática absolutamente atual. Dono de uma dessas raras almas que necessitam compreender o Todo, nem que isso seja impossível e apenas dispare a Grande Explosão, Mondolfo é o grande poeta do caos – e talvez nunca, em tempo algum, o relativismo e *amoralidade essencial* de todas as coisas esteve tão evidente e tão impregnadas em nossas vidas. Mas o caos de Mondolfo é dionisíaco, e está impregnado de calor humano, de compaixão – não se trata, como disse, de um aristocrata frio e removido. Da confusão e do desatino da vida humana, inevitavelmente destinada à implosão, o poeta abre mão até do seu Monumento, e elege o amor apenas como redenção. O quarto e último movimento da terceira parte, que versa sobre um asteróide que pode vir a destruir a Terra no ano 2019, fecha o livro desta maneira:

Se um dia, finda a humanidade
nada fique do que fizemos
sei que ainda deixaremos nos átomos
a energia de um amor transcendente.
Se um dia, quando formos extintos

e a vida prescindir da Palavra
e o Verbo não for o berço dos filhos
e o Tempo continuar sem falar
-- o amor, já então sem ser dito
ficará flanando sem asas
buscando nos limites do físico
a brecha para voltar a voar.

Para poder falar do Caos, do Todo, a poesia de Mondolfo precisa ser épica, ser lírica, ser metafísica e, enfim, ser também fragmento. A monumentalidade intencionada da forma do poema (a rigor, *Tríptico* é um poema só) se justifica pelo seu tema. A primeira e mais longa parte, “Canto Nacional”, descreve, com indignação, profundo exaspero e humor – principalmente humor, o tremendo “samba do crioulo doido” que é a nossa amada e corrupta nação, e ainda ironiza a carnavalização da nossa cultura e cutuca a arte intelectual dita de vanguarda:

Os samba-enredos, criativamete iguais
descrevem sem arte a poesia do mundo
elevando às alturas colonistas sociais
que chegaram à nobreza a partir do subúrbio.
Ou ainda, descrevem epopéias coloniais
incluindo marajás, alibabás e eunucos
que rezam contritos seus loucos missais
onde Meca é o berço dos visigodos.
Ou ainda discorrem sobre sagas literárias
onde Machado é vertido pelos irmãos Campos

De uma forma tão inusitada e revolucionária
Que Brás Cubas parece falar esperanto.
Neste País, o ego dos artistas, de qualquer naipe
vale mais que sua obra, salvo engano.

No entanto, a busca pela síntese é sincera:

Quantos países ecoam no mesmo hino pátrio?
Quantas nações persistem na mesma música?

“Era preciso que um poeta brasileiro...”, como disse Drummond, escrevesse “A Grande Visão”, a segunda e mais vigorosa parte do *Tríptico*, escrita pelo poeta cosmopolita apenas um mês depois do atentado que derrubou as torres do World Trade Center de Nova York. Na primeira pessoa, o narrador do poema é um empresário ou financista que trabalha na segunda torre a cair. Em versos de alto teor imagético, vê sua morte – “tiro no coração da América” – duplamente, na tela da TV, ainda ligada no escritório, e pela janela, por onde entra o avião; numa instigante alusão à dualidade real/virtual, realidade/espetáculo, valor real/valor metafórico que caracteriza o mundo pós-moderno e esteve no cerne dos debates que se seguiram ao incidente que marcou o fim de uma época.

Depois dessas duas empreitadas de fôlego pelo caótico mundo contemporâneo, o bardo – que antes de mais nada é um poeta reflexivo – volta-se para dentro. A terceira é última parte, “Pequena Sinfonia Íntima”, composta de quatro movimentos, abre-se desta forma:

Quando me recurvo sobre mim mesmo

e mergulho o olho no centro
como uma mão no saco de pregos
ou uma luva que a prótese adentra
-- colossal paisagem eu vejo
cercada com muros imensos
como se bem lá dentro da cela
gargalhasse o infinito detento.

Dentro dele – pobre de nós – o poeta encontra o mesmo caos.